

REFLEXÕES

ESTRUTURAS DA COMUNHÃO ANGLICANA

Revmo. Dom Sumio Takatsu

01

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
Centro de Estudos Anglicanos

ESTRUTURA DA COMUNHÃO ANGLICANA

Pertencemos à uma Comunhão de 37 Igrejas autônomas, todavia interdependentes, em mais de 160 países e, praticamente, em todos os continentes¹. O propósito deste livreto consiste em descrever esse relacionamento das Igrejas em Comunhão, que se denomina de Anglicana. A **estrutura** é, conforme o **Dicionário Aurélio**:

- Disposição e ordem das partes de um todo.
- Disposição e ordem de uma obra literária; composição.
- O conjunto das partes de uma construção que se destinam a resistir a cargas; armação, esqueleto, arcabouço.

Então, a estrutura sugere mais a articulação do “esqueleto” da Comunhão do que sua vida e missão e da comunhão propriamente dita. Por isso, é bom que tratemos do que os anglicanos entendem sobre si mesmos como uma **comunhão de Igrejas**.

O fenômeno global da **Comunhão Anglicana** surgiu, pela primeira vez, na 1ª Conferência de todos os bispos anglicanos diocesanos em **Lambeth**, residência oficial do **Arcebispo de Cantuária**, em 1867. Porém consta que a tomada da consciência da existência da Comunhão e o uso do termo da Comunhão Anglicana remontam a 1850 e 1851, quando houve a celebração do **150º** aniversário da sociedade missionária **SPG** (que, posteriormente, com a fusão de uma outra sociedade denominada de United, veio a se denominar de **U.S.P.G.**) com a presença dos bispos americanos. Desde essa época, a Comunhão de Igrejas regionais autônomas, porém unidas por um laço comum de afeição, de história, de padrão de liturgia, de doutrina, de política é conhecida interna e externamente como a Comunhão Anglicana. Praticamente, em cada uma das reuniões da Conferência, e do **Conselho Consultivo Anglicano**, desde a década de setenta, houve certa reflexão sobre a Comunhão. O último documento que tratou da questão da comunhão mais sistematicamente foi o **Relatório da Comissão Inter-Anglicana de Doutrina e Teologia** reunida no Seminário de Virgínia e publicada recentemente.

Conforme esse documento, o poder inspirador, motivador da Comunhão para a Missão, em meio à diversidade que a caracteriza e as tensões internas e externas que suas Igrejas enfrentam é o **dom gracioso** da Comunhão do **Deus Triuno**. A Comissão crê que esse dom nasce da própria natureza do Deus Triuno como **comunhão e relação pessoal**, que permite a Igreja viver a unidade que favorece a diversidade. Essa Comunhão se encontra na base da relação entre as Igrejas e se expressa em vínculo de afeição para a Missão. E o documento reitera que esse dom

que se reverte em missão e ministério é confiado a todo o povo de Deus pelo Batismo.

Então, a comunhão é, por um lado, experiência da vida, da relação e da atividade das Igrejas e, por outro, uma experiência mediada, por meio da liturgia, do ensino, do serviço e do ministério. Todas essas mediações e estruturas têm sua dimensão histórica, cultural e social. No entanto, são mediações indispensáveis para nós e apontam para o futuro e se tornam eficazes na medida em que nos apoiamos no poder do Espírito Santo. Como já foi insinuado anteriormente, o modo como as Igrejas da Comunhão Anglicana se relacionam veio à visibilidade por volta da 1ª **Conferência de Lambeth** (1867). Esse padrão de estrutura de relacionamento, segundo os anglicanos, remonta à experiência da Igreja Primitiva e ao desenvolvimento da Igreja nas Ilhas Britânicas passando pela Reforma do século XVI. Com efeito, os séculos XVI e XVII têm sido considerado um período formativo do anglicanismo atual. Tanto é assim que uma coletânea de estudos publicada em 1988, sob o título de **“Estudo do Anglicanismo”** começa com a História do Anglicanismo, da Reforma ao Século XVIII e do século XVIII a 1988. Então, é a Comunhão Anglicana uma Igreja que surgiu da Reforma? O penúltimo capítulo da autoria de **J. Robert Wright** nos mostra que a entidade Igreja da Inglaterra (anglicana) existiu canonicamente desde século VII. É claro que Robert Wright está se referindo à existência da Igreja em nível canônico. De fato, como ele indica, as descobertas arqueológicas têm recuperado os restos de mosaicos e batistério e autorizam a afirmar-se que o início do cristianismo britânico remonta ao II, III e IV séculos.² Essa é a dimensão histórica. Porém, em nível de doutrina e prática, todos os autores da coletânea e, também, os documentos, digamos, “oficiais”, estão de acordo que o anglicanismo remonta ao tempo dos apóstolos. Por isso, várias **Conferências de Lambeth** têm dito que a Igreja anglicana é **católica reformada e reformada católica**.

O cristianismo na Inglaterra anterior ao envio de **Agostinho** por parte do **Gregório Magno** em 597, caracterizou-se como a Igreja sob perseguição. Com a retirada dos romanos, outros povos europeus invadiram sucessivamente o País e com eles vinha o paganismo que professavam. O cristianismo teve de se refugiar nas regiões montanhosas do País de Gales. Nesse período desenvolveu-se o **cristianismo céltico**, cujas figuras destacadas foram **S. Patrício**, **S. Columba** e o centro missionário era a abadia na ilha de **Iona** (Escócia). Era um tipo de cristianismo que diferia do cristianismo romano. Com a chegada de **S. Agostinho** à Cantuária, o **cristianismo céltico** foi marginalizado e viveu situações tensas, mas a Igreja da Inglaterra começou cedo a aprender a conviver com diferença. Na homilia de **George Carey**, a experiência anglicana da unidade na diversidade remonta a essa história e ao Novo Testamento.

Essas experiências anteriores à Reforma do século XVI contribuíram para o que se denominou de **Reforma Inglesa** e a formação do **anglicanismo contemporâneo**. É claro que o anglicanismo pós-Lambeth 1867 não pode ser compreendido sem referência ao desenvolvimento das **Províncias** ou das **Igrejas Regionais** fora da Inglaterra, a partir da Igreja nos Estados Unidos e outras que

NOTAS

1978	24 Províncias	396 dioceses	48 milhões de batizados
1988	27 Províncias	444 dioceses	
1966	37 Províncias		70 milhões de batizados

² “Anglicanism, *Ecclesia Anglicana*, and Anglican: An Essay on Terminology” IN: SYKES, S 7 BOOTY, J. (ED) **The Study of Anglicanism**, pp. 424-29. Sobre o cristianismo nas Ilhas britânicas ver MOORMAN, John R. H. **A History of the Church in England**, Part. I, Período romano e saxônico. Tertuliano (208) refere-se à parte da Inglaterra inacessível aos romanos e ainda não conquistada por Cristo. Em 238, Orígenes fala na existência dos cristãos na Inglaterra. No Concílio de Arles estiveram presentes três bispos ingleses: de York, Londres e Caerleon. Em Nicéia (325) nenhum inglês esteve presente, porém Atanásio afirma que a Igreja inglesa estava de acordo com a decisão de Nicéia. O primeiro mártir reconhecido é Albano, italiano residente na Inglaterra, onde hoje está a Igreja de Santo Albano, e deu asilo a um presbítero perseguido pelos soldados romanos. Trocando as vestes, Albano foi morto no lugar do perseguido. Calcula-se que o martírio aconteceu por volta de 304.

³ Lambeth Conference 1867 - 1930, S.P.C.K. 1948 citado pelo Relatório de Virgínia.

⁴ p. 14.

⁵ Ver trabalho xerocado 1ª Conferência de Lambeth. Ai foram esboçados os temas discutidos nas Conferências até 1958.

⁶ “O princípio subjacente na colegialidade é que a vocação, responsabilidade e autoridade apostólicas são dadas a todo o corpo ou colégio dos bispos. Cada bispo tem, portanto, uma responsabilidade tanto como membro desse e quanto pastor principal na sua diocese. Como pastor principal exerce a supervisão direta sobre o povo entregue ao seu cuidado. E como membro do colégio compartilha com seus irmãos bispos pelo mundo todo o cuidado pelo bem-estar de toda a Igreja. É evidente que, dentro do colégio, haja um presidente. Esta função é exercida por quem ocupa a cadeira da Sé de Cantuária”... O senso renovado de colegialidade do episcopado é especialmente importante quando a maioria dos esquemas de unidade estão sendo desenvolvidos em nível nacional, porque a colegialidade do episcopado ajuda a ressaltar o caráter mundial e universal da Igreja”.

⁷ Houve, em 1964, o convite do Arcebispo de Cantuária, a reunião dos Primazes e outros bispos das Igrejas da Finlândia, Igreja Reformada Episcopal da Espanha, Igreja Lusitana de Portugal, Igreja Síria Mar Toma, Igrejas Vetero Católicas, Igreja Católica Independente de Filipinas, Igreja Católica Nacional Polonesa da América, Igreja do Sul da Índia e Igreja da Suécia.

⁸ Pp. 141-42

⁹ DAVIS, Brian The Way Ahead, pp. 176ss.

pois desde 1968 tem aumentado a violência como a “imposição destruidora do poder” (CMI, Uppsala).

A questão do programa do **CMI** sobre o combate ao racismo foi bastante debatida e o programa foi apoiado, mas com problemas de dissensão da parte do Primaz da África do Sul e da delegação da África Central. Um dos pontos centrais da questão foi o fortalecimento da parte fraca por parte do **CMI** (programas, apoio financeiro). Sobre esse ponto os “dissidentes” estavam de acordo. Porém, houve a interpretação de que o apoio estava sendo canalizado para uso militar. Os dissidentes sentiam-se no dever de deixar claro, interna e externamente, a rejeição do apoio à mudança pela força militar. Essa questão foi debatida na Conferência de Lambeth de 1978 e houve demonstração de rejeição do **CMI** por parte de alguns participantes. Também o CCA-2 tratou do mesmo assunto. Nos primeiros quatro Encontros (Relatórios) encontram-se as pistas da apreciação anglicana da teologia da libertação, dos direitos humanos e da justiça social.

vieram a se formar em 37 Igrejas autônomas, porém interdependentes, da **Comunhão Anglicana**.

Algumas perguntas se impõem: como essas Igrejas em mais de 160 países estão relacionadas umas com outras? Como compartilhamos a experiência da comunhão do Deus Triuno em situações tão diferentes sem que as divergências não separem uma das outras?

Há um padrão de mediações compartilhado por essas 37 Igrejas. De modo sintético, os anglicanos podem apontar para esse padrão por meio do que se denomina de **Quadrilátero de Chicago-Lambeth**. A comunhão com Deus Triuno e a conseqüente comunhão de uns com os outros vem, se expressa, e se articula por meio do testemunho da experiência da comunhão nas **Escrituras**, do testemunho sintetizado dos **Credos**, celebrado nos **Sacramentos da Iniciação Cristã** e a **Eucaristia**, do testemunho e exercício do **Ministério histórico (Episcopado Histórico)**. Se desejarmos sintetizar mais esses 4 pontos, pode-se falar ao padrão do **Livro de Oração Comum**. Ai estão simbolizado o **Quadrilátero**, ou ainda, **Escrituras, Tradição e Razão, Doutrina, Culto e Disciplina**. Todos eles são agrupamentos, de um modo ou de outro, das “mediações” da comunhão do Deus Triuno proclamado no Evangelho, aceito e afirmado (resposta) com ação de graças nos Credos e na Eucaristia voltada para serviço. É preciso dizer, também, que essas mediações, embora enraizadas no dom da comunhão do Deus Triuno, não caíram do céu, mas tomaram a sua forma, sua “carne”, como o próprio Verbo feito carne, em **contextos históricos e culturais**.

Acrescentem-se a estas mediações e vínculos o **Ciclo Anglicano de Orações**, e o **Companheirismo na Missão** e encontros ocasionais entre as dioceses e Províncias.

Que ou qual organismo supervisiona as 37 Igrejas da Comunhão Anglicana?

Na Conferência de 1930, os bispos disseram haver dois tipos de organização eclesial predominantes hoje: o de **governo centralizado** e o de **autonomia regional**. Nós pertencemos ao segundo tipo, juntamente com as Igrejas Ortodoxas do Oriente. Assim, não existe uma pessoa nem um organismo centralizado. Existe a figura pessoal do **Arcebispo de Cantuária** como símbolo pessoal de unidade, porém sem qualquer poder de jurisdição fora da Igreja da Inglaterra. Ele é **Primaz** de honra, o primeiro entre os iguais. Existe o colegiado episcopal, que é a **Conferência de Lambeth**, mas sem nenhum poder sobre as Igrejas. Há um **Conselho Consultivo Anglicano**, mas sem nenhum poder sobre as Igrejas. Mais recentemente, após 1978, foi criado um outro organismo, o **Encontro dos Primazes**. Mas este, também, não tem nenhum poder sobre as Igrejas. Todos esses organismos anglicanos internacionais são de **natureza consultiva**.

O que se pode dizer, nesta altura, é que as 37 Igrejas se mantêm relacionadas,

em plena comunhão, por meio de consulta sobre o padrão de mediações.

INSTRUMENTOS DE UNIDADE ANGLICANA

As 37 Igrejas se mantêm em relação de interdependência umas com outras por meio de instrumentos de unidade não legislativos e mais consultivos. Instrumentos sugerem alguma coisa mecânica, mas são recursos para alcançar o amadurecimento, e aprofundamento da comunhão em diversidade sem criar divisões. Esses recursos foram enumerados:

- Arcebispo de Cantuária
- Conferência de Lambeth
- Conselho Consultivo Anglicano
- Reunião dos Primazes

Com a finalidade de qualificar a posição do **Arcebispo de Cantuária** podemos iniciar com a **Conferência de Lambeth**, porque esta Conferência reconheceu a **posição “sênior”** da **Sé de Cantuária** e vem afirmando a posição de honra, de ser o **“primeiro entre os pares”**.

A conferência de Lambeth desde a sua primeira reunião, em 1867, tem sido o encontro de todos os bispos diocesanos para a consulta cuja agenda e cujos temas são previamente elaborados pelos bispos representantes das regiões com os assessores. Apenas alguns sufragâneos e assessores são convidados. Essa consulta ocorre a cada dez anos. O nome **Lambeth** vem do nome de residência do Arcebispo de Cantuária localizada em Londres. **Cantuária** é a cidade onde se localiza a **Catedral** do Arcebispo.

Históricamente, o crescimento das Igrejas nacionais e das dioceses, além das polêmicas doutrinárias da época e, em particular, em torno da deposição do Bispo Colenso, de Natal, como herege, estavam exigindo que os bispos das Igrejas originárias da Igreja da Inglaterra se reunissem em algum tipo de encontro. Os bispos da Igreja canadense solicitaram ao Arcebispo de Cantuária que convocasse um sínodo. Houve consulta entre vários bispos por meio de correspondência. O Arcebispo de Cantuária aconselhou-se com a **Câmara dos Bispos e dos Presbíteros** da Inglaterra. Houve oposição a tal idéia, mas, por fim, foi convocada uma conferência, de caráter consultivo e não legislativo, de todos os bispos diocesanos.

Por isso, se disse à época:

“Nunca foi contemplado que devêssemos assumir as funções de Sínodo Geral de todas as Igrejas em plena comunhão com a Igreja da Inglaterra e tomar sobre nós o direito de decretar cânones que obrigassem os representados. Propomo-nos simplesmente discutir as matérias de interesse prático e pronunciar sobre o que julgamos ser convenientes nas resoluções que sirvam como orientações seguras.”¹⁸

Esse caráter consultivo foi reiterado nas sucessivas conferências, mas

c) Sem a renovação da Igreja, tanto espiritualmente quanto estruturalmente, seu evangelismo não pode ser eficaz.

Entre várias recomendações, o relatório também deixou evidente o lugar do diálogo baseado nas pesquisas e na erudição.

Também o Conselho teceu críticas às liturgias em produção baseadas na reorganização do **Livro de Oração Comum** inglês de 1662.

Uma outra sugestão foi o estudo da espiritualidade e forma de ministério de outras religiões.

Por outro lado, não deixou de se ressaltar a **centralidade** de Jesus Cristo, a Luz do mundo, como pista fundamental para o **diálogo** com outras religiões e até para descobrir a ação de Deus nas pessoas de outras religiões. Essa centralidade implica, segundo o relatório, em duas coisas para os anglicanos ou cristãos:

- a) Confiança em ir ao mundo e descobrir mais da presença viva de Jesus Cristo e se regozijar nele.
- b) Reconhecimento, em penitência da necessidade dos indivíduos e das Igrejas crescerem mais, na semelhança de Cristo, em amor, santidade e serviço em relação aos outros.

É nesse relatório que aparece a missão como ida aos campos como indústria, medicina, trabalho (sindicatos, etc), artes, ecologia, questões demográficas, e dos padrões morais em mudança. O critério do crescimento da Igreja foi, também, considerado.

Então, o que pode observar nos primeiros três ou quatro encontros do **Conselho Consultivo Anglicano** está presente a visão do ecumenismo exposta na Conferência de Lambeth 1968 como algo mais abrangente do que a unidade das Igrejas, e inclui a unidade da humanidade como um todo. Hoje, o ecumenismo está praticamente restrito ao diálogo entre as Igrejas, conforme a organização das assembleias mais recentes do Conselho Consultivo Anglicano.

IGREJA E SOCIEDADE

Poder, mudança social e política violenta e não violenta.

(Ver o primeiro volume traduzido por J. C. Maraschim)

Em resposta às resoluções da Conferência de Lambeth 1968 sobre o estudo pelas Igrejas a respeito do

- * efeito sobre a vida humana do uso do poder responsável e irresponsável,
- * e de todos os aspectos da mudança política e social, violenta e não-violenta

O relatório foi sombrio, no sentido de que a maioria das Igrejas não fez estudos e constatou a urgência e necessidade de entender o uso e abuso do poder,

dos fracassos:

- * o método passo por passo para alcançar a unidade visível é bem fundamentado e realista.
- * expectativa de que, na elaboração do Pacto, os elementos essenciais para as Igrejas sejam mais claramente enunciados.
- * O CCA reconhece que, no diálogo, as questões como o Episcopado histórico, elementos comuns necessários no Ordinal estão claros.
- * método e intenção da unificação dos ministérios devem provar-se adequados e criativos para o primeiro estágio para unidade visível.

Segundo o livro da autoria do Bispo **Brian Davis**, atual Primaz da Nova Zelândia, em vários sínodos o esquema não passou por uma questão de um ou dois votos na ordem presbiteral e na ordem episcopal. Devido à exigência de dois terços em cada ordem no Sínodo e dois terços, nas consultas às dioceses, o processo teve passos demorados. No Sínodo de 1976, houve a declaração de que as Igrejas em negociação são partes da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Todo esse processo penoso deixou os líderes anglicanos cansados e de outras Igrejas impacientes. Tudo contribuiu para que a negociação não tivesse sucesso⁹. Diga-se de passagem que, no Relatório CCA-4, há uma referência ao esquema de união entre as Igrejas episcopais e não-episcopais como se estivesse à beira de um desfiladeiro, e o da Inglaterra, Nova Zelândia e Estados Unidos, em declínio.

DIÁLOGOS

Já em 1971 os diálogos mais antigos, Anglicano-Luterano, Anglicano-Católico-romano, já estavam em andamento. Porém, eles não receberam lugar destacado nos relatórios até 1987. O conselho foi informado suficientemente para aprovar o prosseguimento do trabalho das Comissões. O termo empregado na época era **Relação Anglicana-Luterana** e assim por diante. E o termo diálogo aparece na seção sobre **Missão e Evangelismo**, no Relatório de 1973.

O evangelismo relaciona-se, seguindo as linhas da Conferência do **CMI** reunida em **Bancoque**, com o contexto cultural e social. À vista disso, o relatório destaca três pontos relacionados com o evangelismo.

- Necessidade do **diálogo** não só com outras Igrejas mas também com outros credos religiosos. Conforme o Relatório de 1971, o diálogo não é uma outra forma de evangelismo.
- o Evangelho está obscurecido para muitos, como em qualquer época pela injustiça das estruturas sociais e políticas, às quais cristãos têm contribuído de forma diversificada.

ressaltado na conferência de 1920. Conforme a **Encíclica** da Conferência:

“A Conferência de Lambeth não vindica para si o exercício de quaisquer poderes de controle. Ela representa muito mais o princípio espiritual e cristão de lealdade para com a comunhão. As Igrejas nela representada são independentes, mas independentes com a liberdade cristã que reconhece a limitação que a verdade e o amor impõem sobre as partes. As Igrejas não são livres para ignorar a comunidade (fellowship) entre elas... A conferência é comunhão (fellowship) no Espírito Santo.”⁴

A Comunhão implica em uma mentalidade comum para viver e conviver com diferenças. A Conferência de Lambeth entende que a forma, o processo e recursos para corresponder à comunhão do Deus Triuno encontram-se na **consulta** em torno de temas de natureza teológica, pastoral, missionária, humana e social, que preocupam as Igrejas.⁵

A mensagem dirigida à toda a Igreja pela Conferência de 1968, por exemplo, situa a renovação da Igreja na teologia, na missão, no ministério e unidade (ecumenismo) num contexto em que a divisão do mundo entre opulência e miséria, entre os privilegiados e os excluídos, a validade das instituições, e formas tradicionais de pensamento são cada vez mais questionadas.

Nesse contexto, foram tratados os seguintes temas:

RENOVAÇÃO DA FÉ

a) Linguagem da Fé

- * Natureza da linguagem teológica
- * Debate sobre Deus
- * Finalidade de Cristo
- * Diálogo com outros credos religiosos
- * Variedades de descrença
- * Confessar a fé hoje

b) Experiência da Fé

- * Psicologia da fé
- * Fé e Sociedade
- * Espiritualidade e Fé
- * Fé e Cultura

c) Fé e Sociedade Secular

- * Apreciação da Sociedade Secular
- * Moralidade Internacional hoje
- * Sociedade Tecnológica
- * Urbanização e Metrôpoles

RENOVAÇÃO DA IGREJA EM SEU MINISTÉRIO

O relatório começa com um preâmbulo dizendo que “este mundo em que vivemos é o mundo de Deus. Todo o povo de Deus existe como Igreja para o mundo e não para ela mesma. Esta é a essência do ministério da Igreja.” E continua com a exposição do modelo do ministério que nasce do auto-esvaziamento daquele que veio para servir e não para ser servido. E falando no papel da liderança na Igreja, que consiste em “equipar toda a Igreja para o ministério, para que toda a Igreja, por todos os seus membros leigos que servem no mundo em sua vida diária, seja um sinal eficaz e instrumento do propósito de Deus para renovar toda a criação”. E o relatório inicia com o **Ministério do Laicato**, porque os participantes da Conferência acreditam que, no laicato, está o maior recurso espiritual e humano de toda a Igreja. Daí prosseguiremos para as considerações sobre o **ministério ordenado**, que se ocupa da edificação de toda a Igreja para o ministério.

Aí se pode notar em operação aquele “slogan” que veio do início da década de 60, do **Congresso Anglicano**: “**a Igreja que vive para si morre por si mesma**”. E os bispos chegaram ao consenso a importância da ênfase da missão do laicato voltada para o mundo. E isso requeria a renovação da Igreja e de suas estruturas. E aqui podemos salientar alguns pontos.

Em função da visão do papel do laicato na vida da Igreja, é preciso pensar na Igreja como uma comunidade que sustente homens e mulheres (*na época ainda usava o termo genérico, homens*) em sua fé e missão. “A congregação local (paróquia ou missão), deve examinar-se criticamente para descobrir se é capaz de ir ao encontro das exigências do século XX”.

Para tanto, a “Eucaristia deve ser vivenciada focalizando o trabalho do laicato no mundo em ação de graças, oferenda e reconciliação”. A Igreja deve orar na sua liturgia por todos os que trabalham, especialmente, por aqueles que se “encontram em áreas de tensão e de tomada de decisão”. E como indivíduos (laicato), “a Igreja local deve cuidar de sua vizinhança, das necessidades da comunidade e dos indivíduos e deve atuar como agente de Deus em compartilhar o Evangelho reconciliador de Cristo com todos aqueles com quem venham se relacionar”. Por isso, a Igreja local deve ser um lugar onde os leigos possam refletir com outros os problemas semelhantes e fortalecer sua fé e compreensão. E o relatório prossegue dizendo que a Conferência está consciente de que a função vital do laicato que procurou descrever “não está plenamente refletida nas estruturas de nossa Igreja”. E aí reconhece que o relatório carece de percepções que os leigos poderiam ter dado se estivessem com eles. E “ainda há muitos lugares, em nível paroquial, diocesano e provincial, onde, na escolha do pároco e do bispo, os leigos não tomam parte nas decisões”. Daí a recomendação da **resolução 24** que diz: “a Conferência recomenda

numa reunião mundial de Igrejas desde Nicéia.

* Clérigos: 68%, sendo 35% de bispos

* Leigos: 32%

* Sexo: entre os representantes uma mulher, Sra. H. C. Kelleran (Professor deste autor no Seminário de Virgínia) ela foi a vice-moderadora e uma jovem cooptada.

Presidente: Arcebispo de Cantuária, Michael A. Ramsey - **ex officio**

Moderador: Louis Mbanefo - (leigo) da África Ocidental

Vice-Moderadora: Sra. H. C. Kelleran (Posteriormente, moderadora em 1973)

Secretário Geral: Bispo John Howe

A reunião começou sem uma agenda previamente elaborada, mas foi elaborada a partir dos materiais da **Conferência de 1968**. Tudo indica que foram necessárias cinco sessões para selecionar os materiais e organizar a agenda, após o que o Conselho trabalhou dividido em cinco seções:

* **Unidade e questões Ecumênicas**

* **Renovação: Igreja e Sociedade**

* **Renovação: Ordem e Organizações**

* **Missão e Evangelismo**

* **Finanças e Outras**

A Unidade ocupou primeiro lugar, nos relatórios, até o CCA-4.

Na seção sobre a **Unidade** o trabalho se concentrou na promoção do esquema de unidade iniciada no Sul da Índia. Tudo indica que, na **Conferência de 1948**, sete Províncias haviam proposto a aprovação desse esquema e mais onze demonstraram a sua intenção de dar-lhe o seu apoio. Baseado nisso o CCA-71 que outras Províncias fizessem o mesmo. Também, o esquema da Igreja Unida da Índia do Norte e Paquistão receberam o mesmo apoio. O esquema de Reconciliação entre a Igreja Metodista e a Igreja da Inglaterra e Integração do Ministério das duas Igrejas foi enaltecido e houve até recomendação para que se apressasse a inclusão das Igrejas Presbiteriana e Independentes (Batistas e Congregacionais).

POSSIBILIDADE DA UNIDADE DA IGREJA REGIONAL EM IGREJA UNIDA

Foi uma época em que a **reconciliação** das Igrejas em termos regionais estava em voga. Essa preocupação pela união das Igrejas nessas linhas regionais prevaleceu até CCA-4 (1979). Aqui se deve dizer que o esquema das Igrejas da Nova Zelândia foi apoiada no sentido de que a Igreja Anglicana da N. Zelândia levasse a sério as negociações iniciadas em 1967.

O Relatório do CCA-4 (1979) traz uma resolução em que consiste de elogio à intenção da Igreja da N. Zelândia persistir na busca da unidade visível a despeito

seguinte relatório:

“É melhor, acreditamos, falar em termos com os quais estamos mais familiarizados - **Igreja episcopalmente conduzida e sinodalmente governada**. O ponto que desejamos ressaltar é que a Igreja é todo o povo de Deus e cremos as formas melhores do governo da Igreja deve refletir essa realidade com laicato, bispos e outros clérigos participando juntos e exercendo suas funções próprias de acordo com o ofício (ministério), autorização e treinamento (formação). Dentro de todo o Corpo, os bispos são símbolos em pessoa da continuidade e unidade para a Igreja e líderes do ministério e ensino da fé apostólicos... O conceito do **bispo em concílio** é expresso no **governo sinodal**, onde o bispo delibera com o clero e laicato em todas as questões significativas.”

A **Comissão de Doutrina e Teologia**, em seu relatório (Virgínia, 1996) que aceitou a terminologia e conceito do BEM, fala no exercício do **Episcopado em pessoa, em colegiado e em comunidade**.

O exercício do episcopado em **três dimensões** é tratado na Pastoral da ECUSA sobre, o Ministério dos Bispos. Aqui basta dizer que esse exercício não está isento de tensões. Isso foi reconhecido no **CCA-3** (1973).

O desenvolvimento do **governo sinodal**, isto é, o envolvimento dos bispos, clérigos e leigos em níveis provinciais, diocesanos, paroquiais, decanatos (deaneries) está destinado a criar **tensões** entre a **autoridade compartilhada** e a **autoridade individual** do bispo. Tal tensão é saudável - a autoridade comunitária pode **coexistir** com liderança e cuidado pastoral pessoal e cada qual pode enriquecer a outra. A função do **sínodo** é tomar decisões que têm efeitos sobre matérias relativas à organização, estrutura e administração da diocese ou da província. A função do **episcopado** é, em seu sentido histórico e literal, supervisionar a missão de toda a Igreja, servindo, orientando e cuidando de todo o povo de Deus. **Sínodos** e o **episcopado compartilham**, assim, **a tarefa comum**.

O **Conselho Consultivo Anglicano** tem trabalhado com essa visão, sob a presidência do Arcebispo de Cantuária, tendo um **moderador** (Chairperson), vice-moderador, secretário e conselho executivo eleitos pelo plenário.

A primeira assembléia do Conselho Consultivo Anglicano realizou-se em 1971, em Limuru, Quênia, na África.

Os três primeiros Relatórios do C.C.A. foram traduzidos para o português pelo Rev. Jaci. C. Maraschin.

Cinquenta e um membros das Igrejas reuniram-se em seu primeiro encontro do **Conselho Consultivo Anglicano** por onze dias em **Limuru, Quênia**, em 1971. Conforme o prefácio do relatório, pode-se apreciar o seguinte quadro dos membros:

* Membros europeus e não-europeus (em termos culturais) - equilíbrio não visto

que nenhuma questão principal na vida da Igreja seja decidida sem a plena participação do laicato na discussão e na decisão”. E isso resultou na criação do **Conselho Consultivo Anglicano** composto de bispos, presbíteros e leigos. Nessa Conferência também foi separada a admissão à comunhão do sacramento da Confirmação, isto é, a ligação Batismo com a Eucaristia e a Confirmação como renovação dos votos batismais com a imposição das mãos.

a) *Ministério do Laicato*

- * Leigos em Missão
- * Leigos na Sociedade
- * Leigos em Ministério

b) *Formas de Ministério Ordenado*

- * Presbiterado
- * Voluntários e Ministérios de tempo parcial
- * Diaconato
- * Mulheres e Presbiterado

c) *Episcopado*

- * Natureza do Episcopado Anglicano
- * Supervisão e Disciplina

RENOVAÇÃO DA IGREJA NA UNIDADE

a) *Padrão da Unidade*

- * Unidade Cristã e Unidade Humana
- * Princípios de União
- * Intercomunhão numa Igreja Dividida

b) *Revisão de Esquemas*

- * Esquemas atuais
- * Relação da Igreja Católica romana
- * Episcopado, Colegialidade e Papado⁶
- * Relação com a Igreja Ortodoxa Oriental

c) *Comunhão Episcopal Mundial⁷*

- * Papel da Comunhão Anglicana nas Famílias da Cristandade.

Fazendo um breve resumo, pode-se dizer que, após reiterar os itens do

Quadrilátero, descreve a Comunhão Anglicana como uma:

"Família de Igrejas autônomas, diversificada e flexível, ligada pelos laços de história e de tradição e em comunhão viva com a Sé de Cantuária, o ponto focal de nossa comunhão.

Em face à majestade e amor de Deus, sentimo-nos freqüentemente chamados prosseguir a via média não como concessão, como uma percepção positiva da verdade multifacetada. Chegamos a valorizar a razão e tolerância e ser inclusivos mesmo com prejuízo da lógica estrita. Estamos preparados a viver tanto em companheirismo quanto em tensão com aqueles que, em alguns pontos, se diferem de nós.

A organização das Igrejas Anglicanas em Províncias nos ajudam a compreender a nossa inclusividade e a ter uma visão mais ampla das riquezas de nossa comunhão.¹⁸

Nesse relatório, percebem-se **duas tendências**: a **fusão** com outras Igrejas em Igrejas Unidas, e a **manutenção** da comunhão com a Sé de Cantuária como marca permanente do anglicanismo. Hoje, o ideal do anglicanismo desaparecer como tal e dar lugar a uma Igreja Unida já é algo do passado. No Conselho Consultivo Anglicano, reunido no Panamá, esse ideal foi contestado no discurso do Secretário-Geral e houve uma boa repercussão.

ESTRUTURAS INTER-ANGLICANAS

Algumas organizações foram surgindo durante o interregno das Conferências, por exemplo, Conselho Consultivo sobre a Estratégia Missionária, designação de um Secretário Geral da Comunhão Anglicana, Responsabilidade Mútua e Interdependência no Corpo de Cristo, Ciclo de Oração para o uso anglicano.

Comissões, Grupos de Trabalho, Redes (Networks) inter-anglicanas (Consultas)

- * Doutrina e Teologia
- * Missão
- * Liturgia
- * Relações Ecumênicas
- * Inter-religioso
- * Mulheres
- * Família
- * Justiça e Paz
- * Refugiados e Migrantes
- * Juventude

Todos eles remetem relatórios ao **Conselho Consultivo Anglicano** acerca de suas atividades.

CONSELHO CONSULTIVO ANGLICANO

Este organismo de caráter **inter-anglicano** e **internacional** foi criado pela Conferência de Lambeth de 1968 e, corresponde aos sínodos das Igrejas. (Atribuímos o termo sínodo à assembléia geral da IEAB e o termo concílio à assembléia diocesana, mas nas outras Igrejas, via-se sínodo e sínodo geral ou convenção diocesana e convenção geral. É apenas uma questão de nomenclatura).

Os **sínodos** são compostos da **Câmara dos Bispos** (membros natos ou que representam continuidade) e **Câmara dos clérigos e leigos** (membros eleitos para cada Sínodo pelas dioceses). Numa diocese - **unidade eclesial do anglicanismo** (as dioceses em comunhão formam uma Província ou uma Igreja nacional) - o **concílio** é composto do **bispo** e do **clero** (membros natos, de continuidade) e **leigos** eleitos por suas paróquias e missões. Esta é a **forma anglicana do governo da Igreja**.

O Conselho Consultivo Anglicano é alguma coisa que procura refletir o sistema anglicano de conduzir a Igreja episcopalmente e governar a mesma sinodal ou conciliarmente. A diferença entre o Sínodo e o Conselho Consultivo Anglicano está em que este **não legisla** e os sínodos ou concílios **legisla**m para as suas Igrejas e dioceses. Em outras palavras, a existência da Conferência de Lambeth e do Conselho Consultivo Anglicano presididos pelo Arcebispo de Cantuária refletem a **concepção eclesiológica anglicana**. E aqui é preciso destacar a diferença entre o que ocorre nas Igrejas nacionais e o que ocorre em nível internacional. Há, nas Igrejas um só **Livro de Oração Comum** (há também livros alternativos autorizados), uma só Constituição e as resoluções sinodais ou conciliares são **obrigatórias**. Isso não acontece no Conselho Consultivo Anglicano, por exemplo. Diga-se de passagem que as resoluções tomadas nos sínodos e nos concílios podem ter efeitos positivos ou negativos na vida dos indivíduos, das paróquias, das dioceses e da Igreja como um todo (em nosso caso, a IEAB). Ao passo que as resoluções tomadas nas consultas das Conferências de Lambeth e do Conselho Consultivo Anglicano não têm esse efeito, mas têm **poder de formação de opinião e efeitos a longo prazo**. Em nível universal, a Comunhão Anglicana tem insistido na Comunhão das Províncias ou Igrejas Autônomas como se tem verificado até agora. Devido à complexidade da interpretação de um só Evangelho e uma só fé, e vivenciar uma só missão de Deus como um segmento do seu povo em meio à diversidade que caracteriza a humanidade é preciso renovar e reafirmar a nossa compreensão da unidade na diversidade e inclusividade, como disse o ex-arcebispo de Cantuária.

Está em operação, em ambos os casos - **local** (IEAB, por exemplo) e **universal** (Lambeth e CCA) - o princípio anglicano do exercício episcopal em forma pessoal, de colegiado e comunitária e o espírito de consulta mútua.

Em resposta à solicitação do **CCA-5** (1981), o **CCA-6** (1984) estudou a questão do emprego da **colegialidade** e **conciliaridade** pelos anglicanos e concluiu que não são termos e conceitos que nos ajudem muito. Ao invés disso, apresentou o

“podemos tornar a nossa Comunhão muito mais organizada, mas ela seria muito menos amável e ficaríamos empobrecidos em conseqüência disso. E ele demonstra o seu compromisso com a diversidade: “A diversidade é importante na manutenção do meio ambiente. É verdade que, nestes últimos 400 anos, a teologia dogmática católica romana, ortodoxa e protestante concentrou-se na supressão de outras opiniões e as substituíram por uma variedade “correta”. Sistemas teológicos como capitalismo e tecnologia baseada na ciência provaram ser imensamente eficientes, mas suas realizações têm sido, às vezes, com alto preço da liberdade do espírito. E aí diz:

“Como Comunhão Anglicana é preciso que reafirmemos a nossa tradição de **unidade na diversidade**, nosso compromisso com a **inclusividade**. A tradição não deve ser pensada como um pacote bem arrumado sem terminal aberto.

A função do Arcebispo de Cantuária é **tríplice**:

- * Ele é bispo **diocesano** de Cantuária.
- * Ele é o **Primaz** de toda a Inglaterra.
- * Ele é o **Presidente** da Conferência dos Bispos e do Conselho Consultivo Anglicano.

Diga-se de passagem que, na Inglaterra, junto com outros bispos (número limitado), ele é membro da Câmara Alta do Parlamento inglês. Na sucessão ao trono inglês ele precede aos parentes da Casa Real. Certamente, isso ocorrerá numa emergência, por tempo determinado. Este relação da Igreja com o Estado acontece só entre a Igreja da Inglaterra e a nação inglesa. Entretanto, essa imagem é projetada, **incorretamente**, na mídia e em alguns manuais. Outras Igrejas da Comunhão Anglicana não têm essa conexão. Nos Estados Unidos, os episcopais que participaram na elaboração da Constituição dos Estados Unidos e que, também, participaram da organização da Igreja, lá, fizeram a questão de fazer a separação entre a Igreja e o Estado.

Na qualidade de **foco em pessoa** da Comunhão Anglicana, o Arcebispo costuma viajar e visitar outras Províncias ou Igrejas a convite. Numa dessas viagens, ele teve a oportunidade de se encontrar com líderes pentecostais e relata, com humor, um incidente no Paraguai. Diz ele que, depois das conversas, houve sua pregação e ele sentiu que o seu sermão estava “fraco” na Bíblia, isto é, com poucas citações dos versos bíblicos. Depois, andando com esses líderes pelo campo, deparou-se com uma cobra grande, de qualquer maneira, um tanto assustador. Houve demonstração de certo medo por parte de todos. A cobra não mordeu ninguém. Ali ele comenta: eu disse é o Marcos 16, mas ninguém se lembrou disso e pensei comigo, diz ele, não sou tão fraco na Bíblia!

IDÉIA POSITIVA DE UMA COMUNHÃO EPISCOPAL

A Conferência de 1978 concentrou-se mais nas questões em torno da vida, missão da Igreja, sem deixar de tratar da estrutura da Comunhão Anglicana. Por isso, a Conferência foi dividida em três grandes seções:

PARA QUE A IGREJA?

Adoração e Missão
A Igreja como sinal para o mundo
Alguns problemas específicos sobre a Igreja e Sociedade
Diversidade de Culturas e Questionamento das Culturas
Ética no mundo em mudança
Família
Sexualidade: masculina e feminina
Homossexualidade
Tecnologia e vida humana
Cristianismo e Política
Direitos Humanos e dignidade do homem e da mulher
O Espírito Santo e a Igreja hoje

POVO DE DEUS E SEU MINISTÉRIO

1. *Bispos*
 - a) Autoridade e governo sinodal
Autoridade das Escrituras e da Tradição
Autoridade moral
Autoridade do ofício
Autoridade dos conselhos dos eruditos e peritos
Lei da Igreja
 - b) Função do Bispo na Igreja
 - c) Treinamento dos bispos
2. *Ministério Ordenado*
 - a) Crescimento e compreensão dos ministérios auto-sustentados
 - b) Ordenação das Mulheres ao Presbiterado
3. *Ministério dos Leigos*
4. *Ministério Urbano e Rural*
5. *Formação Ministerial*
6. *Ministério no contexto de outros credos e religiões*

A COMUNHÃO ANGLICANA EM RELAÇÃO COM A IGREJA MUNDIAL

1. Natureza e organização da Comunhão Anglicana

a) A base da unidade anglicana

Diante da questão há uma base doutrinal distintamente anglicana? A Conferência responde que o que é distintamente anglicana é o modo de desenhar, delinear elementos doutrinários compartilhados com outras Igrejas. E diga-se de passagem que o bispo teólogo de Ely (Cambridge, na Inglaterra) tem escrito sobre ser Anglicano sem embaraço, e ali ele fala na teologia distintamente anglicana. Na verdade o que ele afirma é a existência da eclesiologia anglicana propriamente dita.

A Conferência afirmou que as declarações doutrinárias estão, primeiramente, nos Livros de Oração Comum, nas Constituições das Igrejas e nos documentos da Conferência de Lambeth. A comparação mostra a semelhança que se descreve como a dos membros de uma família. A semelhança implica não na uniformidade, mas nos laços suficientemente fortes para mantê-las unidas em meio às pressões e tensões. Reitera os pontos expostos no Quadrilátero.

b) Companheiros em Missão

c) Evangelho e Mordomia

d) Estruturas da Comunhão Anglicana

2. A Comunhão Anglicana na Oikoumene

a) Conselho Mundial de Igrejas

b) Diálogos Bilaterais

CONFERÊNCIA DE LAMBETH DE 1988

A Conferência de 1988 organizou seu temário em torno de 4 pontos:

* *Missão e Ministério*

* *Preocupações teológicas e pastorais*

* *Relações Ecumênicas*

* *Cristianismo e Ordem Social*

O temário foi mais claramente organizado em relação às conferências passadas, mas todas elas trataram temas e preocupações que se enquadrariam nesses 4 pontos.

A prática das Igrejas da Comunhão Anglicana, hoje, em áreas como a elaboração da liturgia (1958), a participação na Eucaristia (admissão das crianças à comunhão, a relação direta do Batismo com a Eucaristia), o incentivo do Ministério Leigo, o experimento de Ministério Ordenado de tempo parcial, a Ordenação Feminina (a conversa iniciou em 1968 e acentuada em 1988) foi longamente conversada, conferida e consultada. Em outras palavras, as Igrejas da Comunhão

Romana que veio com S. Agostinho e a Igreja Celta. Nessas circunstâncias, os bispos do País de Gales foram convocados por S. Agostinho. Naturalmente, surgiu na mente dos bispos a questão: qual é o propósito da reunião? Qual é a intenção daquele que ocupa a **Cátedra de Cantuária**? Conforme o historiador **Venerável Beda** (673-735) os bispos se aconselharam com um sábio monge. Este deu o seguinte conselho: "Se o Arcebispo se levantar de sua cadeira, quando os bispos chegarem é sinal de que ele é o servo de Cristo e vocês devem ouvi-lo obedientemente, mas se ele não se levantar vocês não devem dar ouvido a ele. Lamentavelmente, o Arcebispo não se levantou, e houve resistência por parte dos gales, conforme **Venerável Beda**. E o ex-Arcebispo de Cantuária, **Robert Runcie** continua:

"A falta de humildade por parte do meu predecessor resultou em quatro séculos de disputa entre o País de Gales e a Cantuária e a unidade foi conseguida por meio da sujeição dos bispos galeses à Cantuária. Essa injustiça só foi sanada quando foi recriada a Província autônoma de Gales, em 1920."

E o ex-Arcebispo considera esse incidente histórico um **ponto de referência** relevante quando se faz reflexão e oração sobre a identidade e autoridade da Comunhão Anglicana.

Prosseguindo em suas considerações, **Runcie** fala na imagem inadequada que se faz sobre o Arcebispo de Cantuária na mídia, lá fora. Ele é apresentado como o chefe da Comunhão Anglicana. Em alguns países, a simples expressão "*Arcebispo de Cantuária*" causa problema. Num país ele foi apresentado como "Lord High Primate" e que soou como se fosse um primata em topo de uma árvore bem alta. (O arcebispo tem muito senso de humor). Diz ele "sou apenas um bispo sênior com uma diocese como qualquer outro bispo". A sua função não é dominar, mas servir à Comunhão, não só gerenciando os conflitos, mas também reunindo-a e, às vezes, falando por ela.

Referindo-se ao modo como as Igrejas da Comunhão Anglicana procuram manter sua unidade, **Runcie** destaca três características do Anglicanismo que devemos desenvolver.

* Sua capacidade de usar criativamente a afeição e amizade nas relações entre as Províncias.

* Sua capacidade de valorizar a diversidade.

* Sua dificuldade em manter a comunhão sem abandonar o princípio de autonomia.

Essas características não são exclusivas do Anglicanismo. Encontram-se no Novo Testamento e fazem parte da dinâmica da vida, segundo **Robert Runcie**. Porém, cabe à **Comunhão Anglicana** desenvolver esses **dons**.

Na valorização da diversidade, lembra **Runcie**, o anglicanismo toma a feição "desorganizada" (untidy) porém amável, como disse **Desmond Tutu**. E prossegue:

usufruímos, em virtude de nosso batismo comum e da história e tradição que compartilhamos. O diálogo é importante para que vivamos juntos através da tensão e se constitui um meio de aprofundar a nossa comunhão, a despeito da diferença reconhecida de opinião e prática.

(70) As províncias deveriam, portanto, receber e promover visitas de Presbíteras e Bispas do além-mar. Esse procedimento é particularmente desejável onde as Províncias têm tomado decisão contrária à **ordenação e sagração femininas** ou ainda terão de tomar decisão sobre a matéria. Dessa forma, o Povo de Deus nas Províncias **em tela** terá, no mínimo, uma experiência limitada do **ministério das mulheres** e alguma oportunidade de entender e apreciar os desenvolvimentos em cursos em outros lugares na Comunhão. A promoção de tais visitas deve ser assumida como uma responsabilidade particular da liderança primacial em cada Província. Os bispos devem ser encorajados para autorizar as mulheres ordenadas àquelas ordens permitidas pelo Cânon.

(71) Há responsabilidade mútua para o convite e sua aceitação, para tomar parte nos atos do ministério episcopal. Portanto, os responsáveis pela emissão de quaisquer convites para participar, especialmente, na sagração de uma mulher, devem exercer o senso de cortesia e respeito pela posição da diocese ou da Província dos convidados. Do mesmo modo, as pessoas que respondem ao convite devem ser sensíveis à posição de sua diocese ou Província. Tal sensibilidade mútua e interdependência em emitir e receber os convites é, em si, uma realização da comunhão.

(72) Dentro desse contexto a Comissão reiteraria o conselho emitido anterior à sagração em Boston, Massachusetts:

“Se os convites forem emitidos aos bispos fora da ECUSA, recomendamos que os convites e as respostas sejam coordenados pelo Bispo Presidente e pelo Primaz da Igreja a ser convidada. Decisão deve ser tomada de acordo com a posição canônica da Província e dentro da colegialidade de seus bispos.”

Até aqui fizemos referência aos documentos, e é oportuno que um dos que foram ocupantes da cadeira da Catedral de Cantuária dizer sobre a função do Arcebispo na Comunhão Anglicana. É verdade que há muitas biografias dos outros arcebispos onde eles refletiam sobre suas experiências, mas, no momento não estão à nossa disposição.

Robert K. Runcie, ex-Arcebispo de Cantuária, em seu discurso sobre unidade e diversidade na instalação do Conselho Consultivo Anglicano, na cidade de Cardiff, no País de Gales, em 1990, começou fazendo referência a um incidente histórico, no século VI, “causado por meu predecessor, Santo Agostinho em relação aos bispos galeses”. Que foi esse incidente? Na época, houve tensão entre a Igreja

Anglicana, por meio do seu episcopado, realizaram consultas sobre as possibilidades e limites da proclamação, interpretação e tradução do Evangelho nos devidos contextos culturais e sociais e a conseqüente reestruturação da vida e missão da Igreja. A Ordenação Feminina, por exemplo, foi entendida como parte da interpretação do Evangelho em face às novas percepções do que ocorre no mundo. Não se pensou na “conquista de direitos”, mas na aceitação dos **dons do ministério** que o próprio Cristo confere à sua Igreja.

É verdade que a consulta e a prática passaram por momentos de tensão e mesmo risco de cisma na **Comunhão Anglicana**, mas foram, sem dúvida, consulta e prática da diversidade sem a quebra da unidade. E essa prática tem boa receptividade e está na fase de avanço. Tanto assim que, na próxima Conferência de 1998, haverá a presença e participação de bispas, mesmo que sejam poucas. Uma delas, inclusive, participa do Grupo preparatório dos temas da Conferência.

Já dissemos várias vezes que a Conferência de Lambeth não tem poder legislativo, e mesmo suas **resoluções** não são obrigatórias. É possível, ainda, duvidar da circulação eficiente de todos os resultados da Conferência. No entanto, o comportamento das Igrejas não está longe do que foi conversado e acordado nas Conferências e, posteriormente, divulgado. É claro que o **Conselho Consultivo Anglicano**, que se reúne a cada três anos discute, examina e amplia os temas da Conferência, dando sugestões para serem discutidas na próxima Conferência ou nas reuniões dos **Primazes**. Diga-se de passagem que esses três organismos são, também, **autônomos**, porém **interdependentes**. Não há relação de subordinação. Todos eles são de caráter consultivo. Todos são presididos pelo **Arcebispo de Cantuária**. Como ponto de referência, a Conferência de Lambeth tem tido maior peso. Assim se expressa a compreensão anglicana do Episcopado em colegialidade.

A estruturação desses organismos nos mostra aquilo que o anglicanismo tem dito sobre sua identidade em nível internacional como uma **organização eclesial descentralizada**. Em poucas palavras, não há nenhum pronunciamento do presidente da Conferência de Lambeth ou da Reunião dos Primazes, ou do Conselho Consultivo Anglicano, do qual não se possa discordar. Também há plena liberdade para aceitar um pronunciamento como orientação de uma Província, se essa assim o desejar. Tudo isso parece projetar a imagem de Igreja fraca, sem rumo definido e sem uma liderança forte, como muita gente gostaria de ver. Mas se examinarmos a imagem de serva na Bíblia e também de comunidade inclusiva (*ver a nota 6 acima*), a **forma eclesial descentralizada** corresponde à “**identidade professada**” pelo anglicanismo. É bem verdade que, em meio à tal diversidade, há quem advogue uma forma mais centralizada de ser Igreja (e não faltam vozes nesse sentido), mas suas vozes não foram “ouvidas” pela maioria.

ARCEBISPO DE CANTUÁRIA

O Arcebispo de Cantuária é o **foco de unidade anglicana** em pessoa. Por isso, ele é um dos instrumentos de unidade. Uma das ocasiões em que esse instrumento se torna visível é quando o arcebispo preside a **Conferência de Lambeth**, o **Conselho Consultivo Anglicano** e o **Reunião dos Primazes**. Essa função tem sua pequena história. E, em 1867, o Arcebispo de Cantuária fez a convocação por parte dele a pedido da Comunhão. Na Conferência de 1897 ficou decidido, na resolução 2, a pedido da Conferência, que ela fosse convocada a cada dez anos.

Faz parte da compreensão da **identidade anglicana estar em comunhão com a Sé de Cantuária**, conforme o Relatório da Comissão ao Doutrinal e Teológica (Relatório de Virgínia).

Que significa estar em comunhão com a Sé de Cantuária? Não há uma resposta simples. Na observação de suas funções descritas em várias ocasiões (Conferência, Conselho Consultivo) é possível delinear os contornos dessa “comunhão”. Por exemplo, a Conferência de 1968 descreveu a função do Arcebispo de Cantuária desta forma:

“Dentro do Colégio dos Bispos é evidente que deva haver um presidente. Na Comunhão Anglicana essa posição é mantida, atualmente, pelo ocupante da Sé histórica de Cantuária, o qual goza da primazia de honra e não de jurisdição. Essa primazia se descobre em seu envolvimento, de modo particular, no cuidado de todas as Igrejas, o qual é compartilhado com todos os bispos.”

Na conferência de 1978 foi dito o que se segue em relação à base da unidade anglicana:

“Sua unidade é fundada pessoalmente na relação de lealdade de cada uma das Igrejas com o Arcebispo de Cantuária, o qual é reconhecido livremente como foco de Unidade.”

O **Relatório de Virgínia** comenta que estar em comunhão com a Sé de Cantuária é um **sinal visível** de que os bispos e suas Igrejas fazem parte da Comunhão Anglicana. A parte que cabe ao Arcebispo é aquela função acima referida, o cuidado de todas as Igrejas compartilhado por todos e ressalta que a sua tarefa “**não consiste em comandar, mas em reunir a Comunhão**”. É isso que se entende por servir a Comunhão.

Essa função é salientada nas recomendações que a Comissão Inter-Anglicana sobre a Ordenação Feminina fez. Na época em que o Relatório dessa Comissão apareceu sob o título de **Relatório Eames**, a **Igreja da Inglaterra** não havia decidido pela **Ordenação Feminina**, e a primeira bispa foi eleita nos Estados Unidos. É claro que a **ECUSA** enviou o convite às Igrejas. Porém, houve bispos das Igrejas que ainda não haviam resolvido ordenar as mulheres desejosas de participar na

sagração e houve a participação de alguns deles.

Convém fazer citação um tanto longa desse relatório, porque é relevante para a compreensão do papel do **Arcebispo de Cantuária**.

“O ARCEBISPO DE CANTUÁRIA

(73) O que se disse nas diretrizes sobre todos os bispos aplica-se, também, ao Arcebispo de Cantuária. Em vista do seu papel como o foco de unidade da Comunhão Anglicana, o Arcebispo de Cantuária tem de ser sensível às posições de todas as Províncias, ao determinar sua resposta às situações particulares.

(74) 1. É reconhecido que o Arcebispo de Cantuária se conformaria, como todos os outros bispos, tanto quanto possível aos costumes da Província que ele visita, embora, ao mesmo tempo, apoie a posição canônica de sua própria Igreja, bem como a mente comum da Câmara dos Bispos da Igreja da Inglaterra sobre uma matéria particular.

(75) 2. Embora se permitam consultas entre o Arcebispo de Cantuária e as autoridades das Províncias em pauta, seria aconselhável que, no curso atual em desenvolvimento na Comunhão Anglicana, as Províncias convidem o Arcebispo de Cantuária a presidir as celebrações eucarísticas em que ele está presente, pelo menos, onde há controvérsia em potencialidade.

(76) 3. Ao responder aos convites para a sagração, recomenda-se que o Arcebispo de Cantuária atue, em conformidade com os Cânones da Igreja da Inglaterra.

(77) Ao revisar a situação, a Comissão chegou à conclusão de que é provável que haja desenvolvimentos contínuos sobre a **ordenação feminina** ao presbiterado e episcopado. Isto está inteiramente **consistente** com o que dissemos acerca da visão dinâmica da Comunhão e também do processo aberto de recepção. A evidência que levou a Comissão a sugerir as diretrizes pastorais acima induz os membros a recomendar que se encontre um caminho para monitorar as implicações e conseqüências dos desenvolvimentos futuros.

Qual é essa recomendação aos bispos que se aplica também ao Arcebispo de Cantuária?

(J) CENTRO DE VIDA E AMOR

(69) Nas Igrejas em que não é canonicamente possível que as **Presbíteras e Bispas** sejam convidadas para exercerem funções sacramentais, é desejável que se criem oportunidades positivas para o encontro e diálogos mútuos. O encontro de anglicanos de diferentes Províncias para o intercâmbio de pontos de vista num espírito de comunhão, amor, é uma expressão da comunhão que